

Bordados de vida e arte

Para a professora Marcia Pompeo Nogueira
(*in memoriam*)

Texto de autora convidada:
*Marina Henriques Coutinho*¹

DOI: 10.5965/2358092521232020009

¹ Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora do Departamento de Ensino do Teatro, do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: marinahcouthino@gmail.com

Lembro-me bem da tarde em que Marcia me mostrou seus bordados, um mais lindo do que o outro. Entre eles, aquele que seria a imagem para a capa do seu livro: *Ventoforte* no teatro em comunidades (2015). Disse-me na ocasião que a publicação reuniria artigos escritos por ela, com diferentes parceiros, ao longo de um período de 20 anos. Olhando para os bordados, seus fios coloridos em formas delicadas, eu disse: “é como tecer a vida”. Ela sorriu suavemente e concordou.

Já faz um tempo que Tereza Franzoni me pediu que escrevesse um texto sobre a produção e o legado intelectual de Marcia. Mas seria impossível preencher as linhas dessas páginas com tudo que ela fez. Como tecer o registro das realizações de alguém com quem aprendi, entre muitas coisas, a mais grandiosa -, bordar a vida? Talvez seja por isso eu tenha demorado tanto para descobrir como começar.

Brincar com texturas, pontos, cores, colocar graça em um tecido, bordar. Os encontros com Marcia ao longo de dezesseis anos foram assim, - bordados de vida. O primeiro ocorreu em 2003, quando eu cursava o Mestrado em Teatro. Foi Narciso Telles, à época doutorando no mesmo programa, quem me indicou o caminho de Marcia dizendo-me que ela estava no Rio para um evento de Arte e Educação. Recordo-me de a conversa ter sido rápida, dessas que temos nos *breaks* de encontros acadêmicos. Em poucas palavras relatei a minha pesquisa, ainda em fase bastante rudimentar, e pronto, Marcia me convidou para passar alguns dias em sua casa em Florianópolis. Recebi o convite com surpresa, afinal ela sequer me conhecia. Aquele foi o início de uma relação que definiu rumos de minha trajetória acadêmica e pessoal. Sim, Marcia está bordada em meu *mapa da vida*. Por tudo isso, o que se costuma fazer ao final, deixo aqui no início, o agradecimento. Obrigada, Marcia, querida amiga e companheira.

Escolhi tecer os fios desse texto a partir do caminho que percorri ao seu lado. Digo ao seu lado porque mesmo que à distância, ela em Florianópolis eu no Rio de Janeiro, sempre senti (e sinto) a sua presença bem próxima. Em nossa relação estão bordadas inúmeras conversas, risadas, danças, orientações,

paisagens de praia, o Sol, viagens, eventos acadêmicos, bancas, publicações e muitas, muitas pessoas. Estudantes, orientandos, colegas, parcerias, grupos, - um mundo de gente que ela me apresentou. Por isso estou certa de que este relato será parcial. Para capturar a dimensão e a importância da existência da professora Marcia Pompeo Nogueira em um texto seria necessário que ele fosse costurado por muitas mãos, as incontáveis mãos de todos aqueles e aquelas que tiveram a sorte de com ela conviver. E ainda assim seria difícil fazer constar tudo na tela do bordado. Como exprimir em palavras a dimensão emotiva e sensível das ações de uma educadora e artista como ela? Como materializar a “boniteza de sua abertura respeitosa aos outros”², tomando aqui emprestadas palavras de Paulo Freire, que a acompanhou bastante ao longo de toda a sua jornada? Agradeço ao convite de Tereza Franzoni e da Revista do *Núcleo Pedagógico de Educação e Arte, do Centro de Artes (NUPEART), Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)* que confiaram a mim tamanha responsabilidade e, após reconhecer os limites desse registro, passo a costurar alguns fios dessa história.

Antes da primeira visita à Florianópolis, em 2003, eu havia lido apenas um artigo de Marcia, *Buscando uma interação poética e dialógica com comunidades*³. Foi uma leitura importante para aquele início de minha pesquisa de mestrado sobretudo porque as publicações que abordavam a relação entre teatro e comunidades ainda eram muito raras no Brasil. Marcia havia acabado de chegar da Inglaterra onde fez o doutorado e seu artigo trazia, de maneira inédita, reflexões sobre um campo de estudos ainda desconhecido por aqui⁴. No texto, a partir de di-

2 Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 27 ed.p.136.

3 *Buscando uma interação teatral poética e dialógica com comunidades*. Revista Urdimento 4/2002. p. 70 - 89. p.70. Disponível em: <http://www.revistas.UDESC.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101042002070>

4 Os trabalhos citados por Marcia no artigo foram estudados em sua pesquisa

versas referências bibliográficas, as quais não tínhamos acesso à época, e de exemplos de experiências na África, ela reflete sobre modos de interação com comunidades e defende o que denomina como “abordagem poética e dialógica”. Um dado interessante trazido logo no início do artigo é o fato de que a literatura até então produzida em países de língua inglesa sobre tais práticas se baseava, principalmente, nos brasileiros Paulo Freire e Augusto Boal.

Neste texto também aparece o trabalho que Marcia desenvolveu por muitos anos com a comunidade de Ratonés⁵, em Florianópolis⁶. Esta experiência com o grupo Sonho de Criança é objeto de sua reflexão em diversos artigos publicados no Brasil e no exterior. Neles, Marcia aborda principalmente os processos criativos desenvolvidos com as crianças e jovens de Ratonés e peças teatrais encenadas, a participação de estudantes da Licenciatura em Teatro como facilitadores, o papel social e político da universidade na relação com a comunidade externa.

Marcia sempre destacou a influência do grupo *Ventoforte*⁷

de doutoramento, cujo resultado é a tese intitulada: *Towards a Poetically Correct Theatre for Development: a dialogical Approach*. Exeter: Exeter University, 2002. Orientação: John Somers. A preparação para o doutorado de Marcia se deu em um trabalho teatral desenvolvido com o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST) (1997-1998), *Desenterrando o Futuro*, onde as questões sociais da terra e elaboração artística a partir de escuta do movimento e processo dialógico Freireano, dirigiram a linha de seu doutorado. Curiosamente, conforme o texto abordará mais adiante, 20 anos depois, ocorre uma nova interação de Marcia com o MST.

5 Ratonés é um bairro localizado na parte norte da Ilha de Santa Catarina.

6 No livro *Ventoforte no teatro em comunidades* (2015), Marcia divide o trabalho realizado em Ratonés em dois momentos: 1991-1998 (“fase de implementação”) e 2002 – até o momento em que escrevia o livro (“fase independente”). Ela explica que durante o primeiro período eram as “pessoas da universidade contribuindo com a universidade” e que a partir de 2002 a situação mudou, que os coordenadores do projeto passaram a ser as pessoas de Ratonés. Apoiados por Marcia e estudantes da UDESC, Natanael Machado e Rafael Bus Ferreira, moradores do local, assumiram a coordenação do grupo.

7 Grupo criado em 1974, no Rio de Janeiro, com o espetáculo *História de Lençóis*

em seu trabalho, fato que se confirma em dois de seus livros: *Teatro com meninos e meninas de rua: nos caminhos do Ventoforte* (2008)⁸ e o já mencionado *Ventoforte no teatro em comunidades* (2015). No prefácio da publicação de 2008, Marcia faz um mapeamento de instituições públicas em São Paulo que no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 se dedicavam ao trabalho de arte-educação pelo teatro e analisa a ação do *Ventoforte* em dois projetos: *Enturmando* (1988) e *A turma faz arte* (1989) ambos pela Secretaria do Menor que na ocasião se dedicava a programas abertos de moradia, programas para crianças viciadas em drogas, creches especiais para abrigar crianças vítimas de violência etc. No estudo, Marcia destaca que entre as contribuições do trabalho do grupo com os meninos e meninas de rua estaria, em primeiro lugar, o fato de que por meio do teatro é permitido o contato com experiências lúdicas, capazes de reinventar, no plano da fantasia, a difícil realidade de vida dessas crianças.

Este foi o aspecto que mais havia me chamado atenção naquele seu artigo, em 2003. Eu estava em busca de referências que me ajudassem a pensar sobre um teatro comunitário que, ao se posicionar politicamente, o fizesse a partir de uma “abordagem poética”. A defesa desta perspectiva acompanhou Marcia em seus escritos e também em sua prática. Ela sempre se interessou por um teatro que, em diálogo com as outras lin-

e Ventos, que introduz uma nova forma de representar para o público infantil. O nome vem do título de uma crítica para jornal da peça: *Vento forte no teatro para crianças do Brasil*. Os trabalhos do *Ventoforte*, com a poética voltada para o sonho e a fantasia, são inspirados na cultura popular dos países latino-americanos e recorrem a lendas e mitos dos povos do continente. O fundador do grupo foi Ilo Krugli (1930-2019), ator, dramaturgo, artista plástico, diretor e escritor argentino, radicado no Brasil nos anos 1960. Com criações coletivas, surgem trabalhos que usam recursos cênicos variados – papéis, latas, panos, lenços, bonecos –, dando ênfase ao universo infantil, que tem em Krugli um ferrenho defensor da qualidade das encenações voltadas para esse público.

8 Estudo originalmente apresentado como dissertação de mestrado na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1993 (orientação Ingrid Koudela) e revisado por Marcia para a publicação em livro em 2008.

guagens artísticas, fosse capaz de elaborar simbolicamente os temas das comunidades com as quais trabalhou.

Recordo-me de ter comentado com ela que eu trabalhava com crianças em uma favela no Rio e que havia apreciado a sua análise sobre os processos de criação das peças em *Ratones: País do Urubus* (1991), *História do Não Sei* (1994-1995), *A outra história do boi* (1996)⁹. Ao descrever os processos, baseados na dinâmica que ela nomeou como “teatro pela comunidade”, Marcia argumenta que o trabalho estava “relacionado com a realidade, mas não era uma simples cópia de aspectos da vida cotidiana. Era uma abordagem poética e lúdica da realidade” (NOGUEIRA, 2002, p. 84). No artigo, com base no conceito de codificação¹⁰ de Paulo Freire, ela defende a ideia de que é possível para uma comunidade desvelar e transformar a sua realidade também por meio da investigação de formas imaginativas:

9 As três peças foram criadas a partir de um processo que privilegiou os interesses do grupo de *Ratones*. A primeira peça abordava a história de um país muito corrupto, onde tudo acontecia ao contrário de como deveria acontecer, como por exemplo, o objetivo do ministro da educação que era ensinar as crianças a não tomar banho e falar palavrão. O tema foi levantado pelo grupo de adolescentes e aproveitado pela equipe da universidade como tema da peça. A segunda, *História do não sei*, emergiu de um workshop e impressionou os facilitadores pelas suas possibilidades simbólicas. Não sei era um personagem em busca de sua identidade de gênero, a história surgiu a partir de dúvidas dos adolescentes sobre as mudanças ocorridas em seus corpos naquela etapa da vida. A terceira peça criada em *Ratones*, *A Outra História do boi*, tinha como tema uma manifestação cultural do Boi de mamão, própria daquela região, este espetáculo serviu como um resgate da memória cultural da comunidade.

10 Uma das etapas do “Método de Paulo Freire”, expressão universalizada como referência de uma concepção democrática, radical e progressista de prática educativa, é a *codificação*. Trata-se de uma representação ou a ilustração (desenho ou fotografia) de um aspecto da realidade, de uma situação existencial construída pelos educandos em interação com seus elementos. O mecanismo proporciona uma percepção distanciada da realidade pelos indivíduos, ela passa a ser observada, analisada. Freire admitiu também a eficácia da dramatização como codificação: “Funcionaria a dramatização como codificação, como situação problematizadora, a que se seguiria a discussão de seu conteúdo.” In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 118.

Do meu ponto de vista, as imagens simbólicas escolhidas no centro de cada peça criada em Ratonos podem ser identificadas com codificações. Não eram aspectos da realidade concreta. *Não Sei* era um personagem fictício, mas exatamente porque era imaginário, ele nos deu uma distância para explorar questões íntimas relacionadas com a realidade do grupo. (...) Sob o meu ponto de vista, enquanto artistas, podemos levar adiante o conceito de codificação, no sentido de incluir abordagens fantásticas e imaginativas que possam contribuir para aprofundar nosso entendimento da realidade. (NOGUEIRA, 2002, p. 87).

O texto de Marcia foi para mim revelador, identifiquei-me com a sua defesa pela abordagem “fantástica”, que coloca em cena, a partir de metáforas, as temáticas das comunidades. Assim como ela, o enfoque mais poético e simbólico parecia-me mais potente do que outros que, de maneira mais árida, optam pela exposição de mensagens prontas.

Penso que o encontro com Ilo Krugli e seu teatro, no qual, destaca ela, “a preocupação social se manifesta através do lúdico, da fantasia, do imaginário dos participantes, lidando com elementos teatrais, plásticos e visuais” (NOGUEIRA, 2008, p.119), tenha contribuído para a definição de sua linha de trabalho. Como ela mesma reconheceu, o *Ventoforte* foi fonte de inspiração para a sua prática ao longo dos anos de teatro em comunidades, embora outras influências tenham também contribuído para o desenvolvimento de um modo muito particular de criar e ensinar teatro.

Todos que participaram de suas aulas lembrarão do *mapa da vida*, dos *caminhos das histórias de verdade ou de mentira* e dos inícios sempre alegres com cantos e danças populares. Importante mencionar outras pessoas, entre artistas, educadores e pesquisadores, que contribuíram para o tecer do fazer artístico

co e pedagógico de Marcia: Tião Carvalho¹¹, Nado Gonçalves¹² e Natanael Machado¹³ são alguns deles. Tive a oportunidade de encontrá-los em diversas ocasiões. Tião, mestre da cultura popular do Maranhão, ajudou Marcia a fiar o conhecimento nas danças populares. Desde o primeiro encontro ocorrido entre eles em 1994, as danças foram incorporadas aos seus processos criativos. Nado, como define Marcia, foi seu “fiel interlocutor em todas as suas práticas” (NOGUEIRA, 2015, p.23). Amigo e parceiro de criação artística, Nado declarou que viveu com Marcia: “A beleza de encontrar um grupo de crianças em uma comunidade praticamente isolada de Florianópolis, e construir um grupo e um público maravilhoso de teatro; de nas suas andanças por outras comunidades fortalecer práticas teatrais como foi em Tapera, de nos projetos de estágio desabrocharem grupos que lutam para continuar vivendo a experiência do teatro, como atualmente vivem o grupo ‘Teatro comunitário do canto’, do *Canto da*

11 Tião Carvalho, nome artístico de José Antonio Pires de Carvalho (Cururupu, Maranhão, 1955) é um cantor, compositor, dançarino, ator e pesquisador brasileiro. Em 1979, a convite do dramaturgo Ilo Krugli, Tião Carvalho mudou-se para o Rio de Janeiro onde integrou o elenco do Teatro Ventoforte e atuou como ator, dançarino, músico e compositor.

12 Nado Gonçalves é natural da Barra da Lagoa, Florianópolis. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade federal de Santa Catarina. Educador popular. Pesquisador no campo das culturas populares. Fundador do Grupo de boi de mamão *Arreda Boi*. Fundador e formador no Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFPAEI) do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. Nado conheceu Marcia em 1991, quando ela coordenava estágios de Teatro em comunidades e ele trabalhava com um grupo de idosos na Barra da Lagoa num projeto que incluía dança, música e teatro e também a manifestação do Boi de mamão. A partir daí a parceria entre eles em diversos projetos se desenvolveu até a viagem de Marcia para a Inglaterra para cursar o doutorado.

13 Natanael Machado é graduado em Pedagogia pela UDESC e Pós-Graduado em Administração Escolar, Supervisão e Orientação Educacional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Atualmente é Administrador Escolar na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Lagoa, e o *Arreda Boi*, da *Barra da Lagoa*¹⁴; de juntar todos esses grupos em uma *Oficina intensiva na Universidade*" (GONÇALVES, 2015, p.10).

Algo que sempre me impressionou em Marcia era a sua capacidade para juntar gente. Em 2008, numa noite de encontro do *Núcleo de Formação de Facilitadores (FOFA)*¹⁵, no CEART/ UDESC, intrigou-me o fato de estarem presentes na sala estudantes da graduação, da pós-graduação e jovens que não eram "da universidade". Marcia criou o FOFA com o objetivo de formar facilitadores para atuarem em diferentes comunidades. Lembro-me que no encontro houve compartilhamento de atividades que estavam sendo desenvolvidas pelos participantes do grupo em diversos territórios de Florianópolis e também atividades práticas, baseadas em jogos teatrais.

Naquela noite entre os presentes, estava Natanael, morador de Ratores. Aquele foi o meu segundo encontro com o rapaz. Em conversa recente, quando eu já estava a tecer todos esses fios, ele me lembrou que havia visitado o Rio junto com Marcia e que eu os havia levado à sede do Nós do Morro, grupo de teatro da favela do Vidigal. Natanael havia conhecido Marcia em 1991, quando era ainda adolescente. Parte dessa história eu já conhecia, mas a conversa com ele trouxe ainda mais detalhes sobre o seu primeiro encontro com Marcia. Disse-me que por ser apaixonado por teatro havia criado com amigos e primos um grupo na comunidade e que um episódio curioso os havia levado até Marcia. À época uma biblioteca móvel (projeto de extensão da UDESC) costumava visitar Ratores, em uma dessas ocasiões o motorista do veículo (kombi), assistiu uma peça montada pelo grupo e o convidou para fazer uma apresentação

14 Tapera, Canto da Lagoa, e Barra da Lagoa são bairros localizados na parte sul e leste da Ilha de Santa Catarina nos quais Marcia e Nado trabalharam juntos.

15 O FOFA aparece registrado no currículo lattes de Marcia como uma das ações de extensão que se integravam ao Programa Teatro em comunidades envolvendo a participação de estudantes de graduação e pós-graduação, e pessoas das comunidades. Há também registro desta ação no link: <https://fofateatroUDESC.wordpress.com/>

na UDESC. Contou-me Natanael, que após a apresentação, uma professora o procurou, era Marcia. Dali em diante surgiu uma rica parceria com a comunidade de Ratonos.

A cumplicidade entre Marcia e Natanael era evidente. Naquela mesma ida à Florianópolis, em 2008, ambos me apresentaram a Ratonos. Natanael nos recebeu e passamos a tarde brincando com um bando de crianças ao lado do jardim de uma pequena igreja. Teve pique e piquenique. Conheci também uma escola que, conforme explicaram, havia sido o abrigo das atividades de teatro por algum tempo. Em uma das salas da escola havia pequenos e delicados “boizinhos de mamão” feitos pelas crianças. Pensei nas histórias que Marcia contava em seus textos e sobre a importância daquela manifestação popular para a região¹⁶.

Hoje, olhando para trás, percebo que aquele trânsito UDESC-Ratonos, acompanhada por Natanael e Marcia, a mistura de pessoas que presenciei em territórios bastante diferentes da cidade, influenciaram o meu modo de pensar e fazer o teatro, a educação e as minhas ações na universidade. Naquela ida à Floripa, a aproximação com as ações de extensão de Marcia me fizeram pensar com mais atenção sobre a importância da colaboração entre a universidade e a sociedade, comunidades, movimentos sociais e grupos de cultura popular. Anos depois eu teria uma segunda chance de testemunhar a força dessa política que entende a extensão não como missão transformadora ou assistencialista mas como a “ação cultural para a libertação”

16 O folguedo do Boi-de-mamão é uma das manifestações mais significativas da cultura popular catarinense. Está presente nos municípios do litoral e principalmente em Florianópolis, Capital de Santa Catarina, onde concentra o maior número de grupos. O elemento principal como o próprio nome indica é o boi; de armação de madeira e bambu, coberta com papel e pano. A brincadeira aborda um tema épico (a morte e ressurreição do boi). O Boi-de-mamão, uma das tradições populares mais fortes do município de Florianópolis, revela em sua manifestação um auto dramático, encenado com alegre coreografia e ao som de uma cantoria contagiante que encanta e envolve crianças e adultos. Trata-se de uma manifestação popular semelhante ao bumba meu boi proveniente os estados do Norte e Nordeste do Brasil.

(FREIRE, 2001) caracterizada essencialmente pelo diálogo. Darei um salto no tempo, a agulha pulou para frente, mas já retomo o fio da meada.

Marcia sempre me falava sobre as *Oficinas intensivas*¹⁷, evento organizado por ela na UDESC desde 2004, mas eu nunca havia tido a chance participar até 2017¹⁸. Na sexta-feira à noite, véspera do evento que sempre ocorria nos fins de semana, ela me mostrou o plano de atividades que aconteceriam em diversas salas do CEART. Disse-me ela que teria muita gente mas que no final tudo sempre dava certo. Pela manhã, em sua casa, Marcia, cheia de energia, escolheu e empilhou um monte de painéis grandes, potes, e outros materiais para levar para a UDESC. Chegando lá, alguns estudantes já a aguardavam. Em pouco mais de meia hora todos organizaram as salas, a cozinha, e aprontaram mesas de café. Um rebuliço total. Eu não tinha muita ideia do que ia acontecer até que começaram a chegar grupos e mais grupos de pessoas, crianças, jovens, adultos. Em pouco tempo o saguão do CEART estava lotado de gente e todos já sabiam o que ia se passar: café, ciranda na área externa e depois, divididos em subgrupos, todos seguiriam para diferentes salas. Entendi que os estudantes da Licenciatura que faziam estágios com coletivos em diversas comunidades e/ou instituições, algumas bem distantes, estariam também presentes, alguns com seus grupos, outros apenas apoiando a realização da oficina. Aquele era o dia de juntar todo mundo na universidade.

17 As *Oficinas Intensivas* faziam parte da atuação de ensino e extensão realizados por Marcia. Inicialmente eram vinculadas ao *Programa de Extensão Clubes de Teatro nas Escolas*. A partir de 2009 passaram a integrar o Programa Teatro em Comunidades. Elas aconteciam em um final de semana, e reuniam os grupos de teatro comunitário cujos coordenadores participavam do *Núcleo de Formação de Facilitadores*, FOFA. Nelas eram trabalhados diversos aspectos da linguagem teatral, possibilitando também o encontro e a convivência dos diversos grupos. Mais informações disponíveis em: <https://fofateatroUDESC.wordpress.com/ix-oficina-intensiva-de-teatro-no-ceartUDESC/>

18 Mais informações disponíveis em: https://www.UDESC.br/ceart/noticia/oficina_intensiva_de_teatro_reunira_cerca_de_200_pessoas_neste_final_de_semana_na_UDESC

A ciranda, guiada por Esha Prem¹⁹, ex-aluna e colaboradora de Marcia por muitos anos nos trabalhos comunitários, foi emocionante. Nas três grandes rodas concêntricas, estimo que havia, pelo menos, duzentas pessoas. Durante a dança, em uma dinâmica comandada por Marcia, os grupos eram misturados e subdivididos para serem conduzidos às salas, onde ocorreriam as oficinas de dança popular, palhaçaria e teatro. Depois do almoço ocorreram mais atividades. Quando eu achei que havia acabado, ainda serviram o cachorro quente! Tenho gravada na memória a imagem de Marcia se despedindo das cozinheiras e empilhando suas painéis gigantes para colocar no carro. Um furacão havia passado. Fomos para casa. Marcia parecia cansada, mas muito feliz. Ela então brincou: “viu, deu tudo certo”. Pensei comigo mesma, essa é a professora universitária que eu quero ser e, na verdade, acho que já estava sendo.

Entre a primeira ida para Florianópolis em 2003 até esta, em 2017, quando eu já havia me tornado docente no ensino superior, minha relação com Marcia se intensificou e, muito do que com ela aprendera, já se refletia em minhas ações na UNIRIO. Como co-orientadora do meu doutorado, ela teve participação fundamental no desenvolvimento de minha pesquisa. Compartilhou comigo as suas reflexões sobre uma ampla bibliografia a respeito das práticas artísticas comunitárias em diversos contextos do mundo, disponível até então apenas em inglês, e me ajudou a pensar a relação entre aquele referencial e o contexto específico de meu estudo, na cidade do Rio de Janeiro.

Foi ela também que me apresentou o Professor Tim Prentki²⁰, pesquisador britânico com o qual ela manteve colaboração

19 Esha Prem (nome acadêmico Sônia Laiz Vernacci Velloso) é atriz, formada em SP, onde participou do Teatro Oficina, graduada em bacharelado e licenciatura em Teatro pela UDESC e mestra em Teatro pela UDESC. Esha foi aluna de Marcia na graduação, onde fez a prática de estágio de teatro em comunidades. Foi sua bolsista de iniciação científica por três anos. Participou do FOFA e se aprofundou em pesquisas e formações em danças populares e metodologias a elas relacionadas. Faz parte do grupo Arreda Boi.

20 Tim Prentki é o primeiro professor de *Theatre for social development* (Teatro para o Desenvolvimento) do mundo. Ele coordenou o Mestrado em Teatro e

por vinte anos. Tim, além de um importante interlocutor na área do teatro em comunidades, se tornou também um grande amigo de Marcia. Logo após a sua partida, em agosto de 2019, Tim escreveu: “Perdi uma amiga muito querida e o teatro comunitário perdeu uma de suas profissionais e acadêmicas mais brilhantes e enérgicas. A sua perda reverberou em todos os lugares tocados por sua generosa e espirituosa presença; sobretudo em sua terra natal, o Brasil, e especialmente nos grupos comunitários e universitários de Florianópolis, onde trabalhou incansavelmente por mais de quarenta anos.”²¹ A parceria com Prentki e outros pesquisadores estrangeiros gerou diversos artigos publicados fora do Brasil, em importantes revistas como *Research in drama education* e *Applied Theatre Research Journal*²² além de capítulos

Mídia para o Desenvolvimento Social (Universidade de Winchester) por muitos anos. É autor dos livros *The Fool in European Theatre* (Palgrave, 2012), *Applied Theatre: Development* (Bloomsbury, 2015); autor e co-editor de *The Applied Theatre Reader* (Routledge, 2008), *Performance and Civic Engagement* (Palgrave, 2018). Prentki é membro dos conselhos editoriais das revistas *Research in Drama Education* e *Applied Theatre Research*. E coeditor dos livros *The companion to applied performance* e a segunda edição de *The applied theatre reader*, ambos pela Routledge (no prelo).

21 O texto *Lembrando de Marcia (Remembering Marcia)* escrito por Prentki foi publicado nos periódicos: Revista *Urdimento* (v.3, n. 36, 2019) e *Applied Theatre Research* (v. 7, n. 2, 2019).

22 Optei por deixar registradas aqui algumas informações que constam no Currículo Lattes de Marcia, atualizado por ela, pela última vez, em 13 de maio de 2019: NOGUEIRA, M. P.; DE MEDEIROS PEREIRA, D. *Curriculum: the contradictions in theatre education in Brazil. Research in Drama Education*, v. 21, p. 126-133, 2016; POMPEO N. M. *Exploring theatre as a codification in agrarian reform settlements. RIDE-The Journal of Applied Theatre and Performance*, v. 20, p. 349-352, 2015; NOGUEIRA, M. P.; GONÇALVES, R. M.; PRENTKI, T. *Between popular traditions and forum theatre: Playing on the borders of Theatre of the Oppressed. Applied Theatre Research*, v. 2, p. 183-195, 2014; NOGUEIRA, M. P. *Reflections on the Impact of a Long Term Theatre for Community Development Project in Southern Brazil. Research in Drama Education*, v. 11, p. 219-234, 2006; NOGUEIRA, M. P. *Theatre for Development: an overview. Research in Drama Education*, Oxford, Inglaterra, v. 7, n.1, p. 103-106, 2002; NOGUEIRA, M. P.; GONÇALVES, R. M.; SCHIEBE, C. *Community Theatre in Florianópolis. Research in Drama Education*, Oxford, Inglaterra, v. 1, n.1, p. 121-128, 1996.

de livros²³. Marcia também fez parte de redes de colaboração e organização de congressos internacionais como: *International Drama Theatre and Education Association* (IDEA) e *Indra*²⁴. Vínculos profissionais foram firmados com pesquisadores do mundo inteiro, entre eles, Isabel Bezelga (Universidade de Évora) e Hugo Cruz (Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo - Porto; PELE).

Entre os eventos importantes em nossa área destaca-se o *Encontro Internacional de práticas artísticas comunitárias* (EIR-PAC)²⁵, organizados pelos colegas portugueses. Em 2017, logo antes de Marcia ser diagnosticada com câncer, fizemos uma inesquecível viagem juntas para a segunda edição deste encontro. Prentki também estava lá. Recordo-me de Marcia correndo para alcançar um bondinho amarelo e nós, atrasados, tentando acompanhar o seu “pique”. Também do passeio à beira do rio Douro, depois de um cálice de vinho do Porto. Em nossas conversas acadêmicas não faltavam o riso e a brincadeira. Acho que todos concordarão que esse trançado colorido e alegre é parte fundamental do legado de Marcia.

23 NOGUEIRA, M. P.; Dimi Carmolonga. *Isolation in Community Theatre*. In: Tim Prentki. (Org.). *Applied Theatre: Development*. 1aed. Londres: BLOOMSBURY, 2015, v. 1, p. 135-149; COUTINHO, Marina H. ; NOGUEIRA, M. P. *The Use of Dialogical Approaches for Community Theatre by the Group Nós do Morro*. In: PRENTKI, Tim; PRESTON, Sheila. (Org.). *The Applied Theatre Reader*. 1aed. Londres e Nova York: Routledge, 2008, v. 1, p. 170-177. 10. NOGUEIRA, M. P. *Thought only by Reality, can Reality be Changed?* In: Balfour, Michael; Somers, John. (Org.). *Drama as Social Intervention*. 1aed. Concord: Captus Press, 2006, v. 01, p. 95-106.

24 Mais informações disponíveis em: <https://www.theindracongress.com/> e <https://www.ideadrama.org/About-IDEA>

25 O evento bienal está integrado ao MEXE - *Encontro Internacional de Arte e Comunidade*. Três ebooks foram publicados como resultado das edições do EIR-PAC: *Práticas artísticas comunitárias* (2015, lançado em 2017), no qual consta o artigo *Teatro e comunidades: experiências brasileiras*, escrito por Marcia; *Práticas artísticas: participação e comunidade* (2017, lançado em 2019) no qual consta o artigo *Formação de agentes culturais da juventude camponesa* escrito por Marcia (o livro foi à ela dedicado); e *A busca do comum* (2019, lançado em 2020). As publicações estão disponíveis em: <https://www.mexe.org.pt/pt/#arquivo>

Não está sendo fácil escolher as informações para incluir neste texto e devo alertar mais uma vez que, apesar de meu esforço, muitos pontos irão se perder na costura. Temo não conseguir alinhar fatos, produções e pessoas importantes nesse bordado. Penso que devo enviá-lo ao Marcelo Tragtenberg, marido de Marcia, quem sabe para Tereza, antes da publicação, talvez eles me ajudem a não deixar que parte importante do desenho escape da tela. Revejo um vídeo produzido pelo Grupo de Pesquisa Pedagogia do Teatro (CEART/UDESC) no qual a própria Marcia fala sobre sua trajetória. Nele encontro apoio para o meu caseado e recomendo fortemente que o leitor o assista²⁶.

Depois do salto de 2003 para 2017, volto para 2008, estou usando os “pontos em zigzag”. Foi em novembro daquele ano que Marcia organizou no CEART/UDESC o *I Seminário Teatro na comunidade: interações, dilemas e possibilidades*. A proposta do encontro surgiu da necessidade de ampliar na academia a reflexão sobre práticas teatrais comunitárias. Apoiada em suas ações na universidade nos eixos do ensino, pesquisa e extensão, Marcia organizou um evento que reuniu pesquisadores interessados no tema²⁷. Nele discutiu-se assuntos ainda poucos visitados pelo meio acadêmico no Brasil e que apontavam para a consolidação de uma área específica de pesquisa dentro do grande campo da Pedagogia do Teatro.

Uma segunda edição do *Seminário Internacional Teatro na comunidade* ocorreu em 2013. Desta vez, o evento ganhou maior proporção e reuniu mais pesquisadores brasileiros, grupos artísticos de diferentes partes do país, além de convidados estrangeiros, entre os quais latino americanos, africanos e europeus²⁸.

26 Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=BedzRK9fd4Y&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2MzeczCwS8QUyjZyrQEy1hhhX8r0Gkp3AjXnPvft-gxax1yRkVF04emjRM>

27 Os anais do Seminário encontram-se disponíveis em: <https://fofateatroUDESC.files.wordpress.com/2013/09/anais-i-seminc3a1rio-2008.pdf>

28 Matéria sobre o evento: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/cultura/pesquisadores-se-reunem-na-UDESC-para-discutir-o-teatro-na-comunidade>

Intitulado *Teatro na comunidade: conexões através do Atlântico*, o seminário contou com a apresentação de peças teatrais, oficinas de teatro e danças populares, comunicações de trabalhos, palestras e mesas redondas²⁹. Neste estive presente acompanhada por estudantes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Eu já era professora da Licenciatura em Teatro há três anos e havia plantado algumas sementes no terreno fértil do *teatro em comunidades*³⁰. Fomos eu, alguns estudantes e colegas do Rio. Lá encontramos outros graduandos e pós-graduandos brasileiros, além de todos os convidados de fora.

Em uma das falas registradas na publicação resultante do seminário, Prentki menciona o livro *Fissurar o Capitalismo* (Holloway, 2013). Ele explica que no livro, Holloway faz o uso da metáfora do capitalismo como uma capa de gelo em cima do oceano gigantesco: “Parece impenetrável, parece que vai durar para sempre. Mas tem pontos fracos, existem rachaduras nas quais podemos jogar e, enquanto jogamos, um pouco desse

29 O seminário teve o apoio financeiro do Programa de Extensão Universitária da secretaria de Ensino Superior do Ministério da educação (PROEXT) MEC/SESU. Entre os pesquisadores, artistas e grupos convidados: Christopher Odhiarnbo (Quênia), Rafael Murillo Selva (Honduras), César Escuzza (Peru), Adhemar Bianchi e Andrea Salvemini (Grupo Catalinas Sur, Argentina), Marcelo Palmares (Grupo Pombas Urbanas, SP), Sergio de Carvalho, Tim Prentki, Sharon Muiruri e Nikki Mailer (Inglaterra), Deanna Borland (Austrália), Tião Carvalho (Maranhão), Cia. Marginal (RJ), grupo GTO Garoa (SP), Grupo do Canto (Florianópolis). Uma publicação sobre o evento foi organizada por Marcia com a colaboração na parte de tradução de Rodrigo Benza Guerra, Dimitri Camorlinga, João Nogueira Tragtenberg, Renatha Flores e Juliano Borba, porém não foi possível encontrá-la disponível na internet. Exemplares deste livro foram amplamente distribuídos por Marcia. Creio que existam exemplares na biblioteca da UDESC ou em posse de indivíduos aqui mencionados.

30 No mesmo ano em que defendi a minha tese de doutorado *A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade-sujeito* (2010), ingressei como docente na UNIRIO. No curso de Licenciatura em teatro criei e ministrei, desde então, a disciplina Teatro em Comunidades. Também idealizei e coordeno o Programa de extensão Teatro em Comunidades. Na pós-graduação, venho ministrando disciplinas relacionadas ao tema e orientando pesquisas de mestrado e doutorado.

gelo que nos rodeia pode derreter.” (2013, p. 139). Lembro de que as salas sempre lotadas durante o encontro me alegravam; havia uma atmosfera que nos fazia acreditar que, de fato, a confluência de nossas ações seriam capazes de enfraquecer o “gelo do capitalismo”. Com tanta gente engajada naquelas discussões eu tive a certeza de que muito havia sido conquistado desde meu primeiro encontro com Marcia, em 2003. De fato, posso dizer que acompanhei, principalmente a partir de 2008 e sobretudo devido às ações de Marcia (orientações, bancas, publicações, eventos), a expansão e consolidação da área no Brasil.

Em 2014, o termo e a definição para *Teatro na comunidade*, escritos por Marcia, constariam em um dos verbetes incorporados à publicação *Léxico da Pedagogia do Teatro*. (KOUDELA, JÚNIOR, org., 2014, p. 183). Este fato demonstra que, àquela altura, a área de estudo já havia ganho projeção significativa no discurso nacional e internacional. Marcia foi também bastante ativa no Grupo de Trabalho (GT) hoje denominado *Pedagogia das Artes Cênicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas* (ABRACE). Lembro-me de vê-la participando de importantes discussões durante os congressos da associação nas quais enfatizava as especificidades da área que, com o passar dos anos, ganhou a adesão de jovens pesquisadores.

No ensino, ela ministrou durante muito tempo no curso de Licenciatura em Teatro³¹ (UDESC) as disciplinas: *Estágio Supervisionado I: Teatro na Comunidade*, *Estágio Supervisionado II: Teatro na Comunidade*, *Metodologia do Ensino de Teatro na Comunidade* além de cursos na pós-graduação.

Em função de sua ampla e longeva atuação na graduação e na pós-graduação, surgiram pesquisas e trabalhos de conclusão de curso (ICs, Mestrados e Doutorados), muitos dos quais tive a chance de conhecer mais de perto, nas bancas para as quais

31 A formulação do curso de Licenciatura em Teatro (UDESC) contou com a participação destacada de Marcia que sempre defendeu a formação de professores com forte base de conhecimento artístico para atuarem em escolas e comunidades.

Marcia me convidou³². Dos convites para tais avaliações nasceram boas amizades com alguns de seus orientandos, pessoas que aqui eu não poderia deixar de mencionar: Rodrigo Benza Guerra³³, Adriana Mira-Cunhã³⁴ e Juliano Borba³⁵. Tenho certeza

32 Cristovão Petry. *O Teatro em Comunidades Periféricas: um estudo de caso no bairro Itinga* (Joinville/SC). 2016. Dissertação; Katia Reinisch. *Interação Teatral comunitária numa perspectiva dialógica*. 2016. Dissertação; Rodrigo Benza Guerra. *O Professor Dialógico: um aprendizado a partir do teatro intercultural na Amazônia peruana*. 2013. Dissertação; Lia Alarcon Lima. *O Teatro em Comunidade no Contexto das ONGs*. 2012. Dissertação.

33 Rodrigo Benza Guerra atualmente é Professor auxiliar do Departamento de Artes Cênicas e Diretor de Assuntos Culturais (PUC, Lima/Peru). Conheceu Marcia na Disciplina Teatro e Comunidade do PPGT/UDESC em 2010 e depois se tornei seu orientando no mestrado. Logo depois de conhecê-la entrou para o FOFA e desenvolveram diversos projetos de formação e atuação em comunidades. Também trabalhou com Marcia no curso *Arte no Campo* desenvolvido pela UDESC e o MST. Rodrigo morou no Brasil por cinco anos e afirma que “essa experiência toda foi muito marcada pela guia, o carinho e a generosidade da Márcia” (em depoimento pessoal/junho, 2020).

34 Adriana obteve seu título de mestre em Teatro em Educação, Terapia e Ativismo pela Witwatersrand University - Wits School of Art (WSOA) - South Africa (2015) onde foi ganhadora do prêmio Pieter-Dirk Uys Theatre for Social Change na Faculdade de Humanas pelo memorial-performance “A luta continua”. É graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Brasil (2011). Recentemente Adriana defendeu a tese de doutorado *Meninas mulheres de Hillbrow: Teatro comunitário e Pedagogia Ubuntu* pelo Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa contou com orientação inicial de Marcia e a sua presença no estudo aparece de maneira fundamental. Em um trecho muito sensível da tese intitulado *Relicário Marcia*, Adriana conta sobre como a relação entre ambas se desenvolveu, definindo rumos para a sua pesquisa. A interação acadêmica entre Adriana e Marcia gerou uma belíssima amizade, a qual tive a chance de testemunhar em alguns encontros que tivemos em Florianópolis e em Portugal.

35 Juliano Borba é Graduado em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas na UDESC 1994-1999; Mestrado em Applied Drama na University of Exeter 2001-2002; Doutorado em Artes na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires 2008-2012; Doutorado em Teatro no PPGT - UDESC 2014-2018 com a tese *Teatro de Vizinhos: comunidade, convívio e celebração*. Juliano conheceu Marcia em 1994, quando foi seu aluno na gradua-

de que Marcia desejava vida longa aos estudos e práticas relacionadas ao teatro em comunidades e que confiou a nós e a todos aqueles que com o campo se identificavam (e se identificam) a tarefa de mantê-lo em pleno desenvolvimento, como um vento forte.

Nesse bordado livre, creio que seja importante considerar a textura do pano no qual Marcia delineou sua área de conhecimento, - o contexto das universidades naquele momento do Brasil. As políticas de ações afirmativas que se fortaleceram ao longo da primeira década dos anos 2000, sobre as quais muitas vezes conversei com Marcia e Marcelo³⁶, e que permitiram o acesso de jovens pobres e negros às universidades. Com essa mudança, tornou-se urgente ampliar dentro das instituições as discussões que contemplassem um corpo discente mais diverso. De outro lado, nunca houve tanto incentivo para o campo da extensão, que dialoga diretamente com o que acontece fora das universidades. Essa conjuntura de país, suspeito eu, ajudou a construir um diálogo mais amplo entre universidade e sociedade, trazendo para o centro do debate, das pesquisas, dos eventos científicos, das publicações, temas latentes que conversavam diretamente com a prática e reflexões de Marcia.

Uma das experiências mais emocionantes que tive dentro da universidade foi a defesa de Elaine Cristina da Silva que escreveu, com orientação de Tereza Franzoni, a dissertação *Teatro no/do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: juventude e resistência*. No estudo, Elaine aborda um trabalho teatral desenvolvido com jovens em um assentamento da Reforma Agrária³⁷.

ção, participou do projeto de extensão em Ratoles e colaborou com Marcia em diversas disciplinas ofertadas na UDESC. Juliano é o diretor do *Grupo Canto da Lagoa*.

36 Marcelo Tragtenberg e Marcia foram casados por 41 anos. Juntos tiveram dois filhos: Mariel e João Nogueira Tragtenberg. Marcelo é professor do Departamento de Física e Diretor administrativo da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvendo várias palestras e estudos sobre o tema.

37 A dissertação proporciona reflexões sobre a trajetória teatral acumulada pelo

Na defesa, ocorrida em agosto de 2018, tive a oportunidade de assistir, na UDESC, a uma breve encenação de alguns dos jovens do movimento com os quais Elaine havia montado um espetáculo. A plateia estava cheia e celebrou não apenas a conquista de Elaine como também a valiosa conexão da pesquisa acadêmica com temas urgentes da sociedade. Saudamos um estudo que reflete o compromisso social assumido por parcerias construídas dentro e fora da universidade. A experiência analisada por Elaine havia acontecido graças a mais um entremeio de Marcia. Ela coordenou, com a colaboração das colegas professoras Tereza Franzoni³⁸ e Fátima Costa de Lima³⁹, o projeto de extensão:

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST a partir da criação do Coletivo Nacional de Cultura e da Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré, Bogo (2009), Faria (2014), Villas Bôas (2006). Versa também sobre duas experiências desenvolvidas a partir do contexto do MST. A montagem de um espetáculo sobre a Guerra do Contestado, com jovens assentados no interior de Santa Catarina, resultado do curso Residência Agrária Jovem - RAJ. E a criação da Mística de 20 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás, que aconteceu no ano de 2016.

38 Tereza Mara Franzoni é antropóloga de formação e foi trabalhar como professora no Centro de Artes na década de 1990. Por volta dos anos 2010 passou a fazer parte do Departamento de Artes Cênicas. Com pesquisas junto a movimentos sociais urbanos e projeto de extensão em uma Biblioteca Comunitária com oficinas de iniciação a linguagem teatral. As afinidades com Marcia, também professora do Departamento, foram se desenhando: bancas de monografias em comum, participação na oficina intensiva de teatro, projetos comuns e, finalmente a parceria na Especialização *Arte no Campo*, onde uma grande amizade se consolidou.

39 Fátima Costa de Lima graduada em Artes Plásticas e Doutora em História Cultural, é professora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Teatro, colega de Márcia há muitos anos. Atua como atriz, carnavalesca, cenógrafa, figurinista e diretora teatral, pesquisando teatro e carnaval. As afinidades com Marcia, foram sendo construídas ao longo dos anos, em especial nos últimos anos, fortalecida principalmente com a Especialização *Arte no Campo* e com o projeto Residência Agrária Jovem, consolidando também uma grande amizade.

*Formação de agentes culturais da juventude camponesa*⁴⁰.

Esse projeto de extensão era o desdobramento de um outro projeto, com dimensões ainda maiores, uma especialização intitulada *Arte no Campo*. Marcia também foi a coordenadora do projeto, em conjunto com Tereza e Fátima, entre 2013 e 2014. Da mesma forma o *Arte no Campo* era financiado pelo INCRA e fruto da parceria entre INCRA, CNPq, UDESC e MST. Elaine, e outros colegas, foram alunos da especialização e continuaram envolvidos no segundo projeto na condição de oficinairos e facilitadores. A especialização em *Arte no Campo*, teve como objetivo “Formar profissionais capacitados para ampliar a inserção da arte na vida dos assentamentos rurais da reforma agrária, enquanto um recurso poético e pedagógico que possa empoderar seus moradores, contribuir para a expressão de seus diferentes segmentos e articulá-los no enfrentamento de seus problemas”⁴¹. De modo geral, Marcia sempre acreditou que a cultura e

40 O projeto de formação de agentes culturais da juventude camponesa, era financiado pelo INCRA em uma parceria com o CNPq, UDESC e MST, aconteceu em seis assentamentos de reforma agrária, em diferentes regiões de Santa Catarina. Teve oito módulos ministrados por equipes profissionais nos seis assentamentos. Também incluiu três reuniões de todos os grupos, que tiveram lugar na Universidade do Estado de Santa Catarina. Nele foram desenvolvidas as seguintes ações: Agentes Culturais da Juventude (ação principal), Suporte para Grupos artístico-culturais, Promoção de Eventos, intercâmbio entre os grupos em formação e análise dos resultados do projeto. Contribuiu para a continuidade do processo de educação e formação nas áreas de arte e cultura dos jovens envolvidos na reforma agrária. Informações retiradas do currículo lattes de Marcia. Mais informações disponíveis em: <https://residenciajovem.wordpress.com/>

41 A especialização em *Arte no Campo* procurou envolver vários aspectos: o conhecimento da realidade vivida pelos assentados e de suas formas de manifestações artístico/culturais; a preparação da equipe que trabalhará num projeto futuro de licenciatura em artes para assentados da região sul mas que acabou não se concretizando; e a experimentação conjunta em atividades práticas e produções artístico/culturais que fortalecessem o diálogo e a colaboração entre assentados e universidade.

Mais informações disponíveis em: <https://artenocampo.wordpress.com/> e em https://www.UDESC.br/noticia/especializa%3a7%3a3o_em_arte_no_campo_da_UDESC_promove_encerramento_no_oeste_do_estado

a arte, aliadas à educação, são fundamentais para a construção de relações sociais emancipadoras.

Marcia não estava presente naquela tarde festiva da defesa de Elaine, precisou se resguardar devido aos efeitos do tratamento de quimioterapia. Foi a primeira vez que estive em Florianópolis e não fiquei em sua casa. Também a primeira vez que entrei na UDESC e não a encontrei. Apesar da recepção carinhosa de Tereza e de todos, tudo parecia diferente, como se os fios estivessem sem arremate. Penso que essa sensação não era apenas minha, mas também dos queridos colegas do CEART.

Em 2018 meus contatos com Marcia se tornaram mais frequentes. Falamos várias vezes ao telefone e trocamos muitas mensagens pelo *whats app*. Houve altos e baixos na luta contra a doença, mas todas as vezes em que conversei com ela suas palavras eram otimistas. Marcia nunca deixou de planejar. Minha admiração por ela só aumentava porque constatava que, mesmo debilitada fisicamente, ela bordava a vida com cores ainda mais vivas e fortes. O trabalho com o grupo de teatro do *Canto da Lagoa*⁴² era uma das coisas que mais a animava.

42 O Canto da Lagoa é um bairro de Florianópolis, situado na Lagoa da Conceição. O Teatro Comunitário do Canto surgiu em 1994, quando foi encenada a peça de teatro musical “Uma História da Ilha”. A realização da peça envolveu professores e crianças das duas instituições de ensino locais (Escola Desdobrada João Francisco Garcez e Núcleo de Educação Infantil Canto da Lagoa), além da comunidade de moradores. Nos últimos anos o grupo se fortaleceu na comunidade, promovendo experiências de teatro com apoio da professora Marcia Pompeo Nogueira e da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Em 2015 o Grupo de Teatro Comunitário do Canto foi um dos selecionados na edição do Prêmio Elisabete Anderle. O Prêmio é um programa de seleção pública de projetos artísticos e culturais promovido pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, e executado pela Fundação Catarinense de Cultura. Nos últimos anos o grupo se fortaleceu na comunidade, e em 2012, decidiu realizar uma releitura da Peça Musical apresentada em 1994, contando com a coordenação de estagiários da UDESC, utilizando a metodologia do improviso. Algumas músicas foram utilizadas para relatar um pouco da história da Ilha, desde antes da colonização. A tese de Juliano Borba, *Teatro de vizinhos: comunidade, convívio e celebração* (2018, PPGT/UDESC) e a dissertação de mestrado de Katia Reinisch, *Interação Teatral comunitária numa perspectiva dialógica* (2016, PPGT/UDESC) abordam o trabalho do grupo.

Em visitas anteriores à Florianópolis, não saberei dizer em que anos, estive com Marcia e o grupo duas noites. Na primeira, na casa de uma dos integrantes, o clima era de festa, serviram vinho e pizza; eles começavam a criar um dos espetáculos do grupo que seria dirigido por Juliano Borba. Divididos pelos cômodos da casa, os subgrupos pensavam sobre elementos diferentes que comporiam a cena: dramaturgia, música, figurino e cenário. Tenho a lembrança de Marcia recortando enormes pedaços de tecido e dizendo no que cada um deles se transformaria. Com olhos de estrangeira, carioca, eu observada a movimentação das pessoas de todas as idades que mais pareciam compor uma família. Na segunda noite a reunião foi na casa de Mari, teve canto, comida e bebida. Marilde Juçara da Fonseca⁴³, a Mari, amiga de muitos anos de Marcia, é uma das fundadoras do *Grupo de Teatro do Canto*. Foi devido ao seu engajamento em atividades artísticas nas escolas da rede básica da região do Canto da Lagoa que surgiu o grupo. Mari conta que: “Quando criamos o Grupo de Teatro do Canto, Marcia tornou-se uma figura fundamental, pois desde 1994, até 2019, quando partiu, esteve presente direta e indiretamente, oferecendo recursos, proporcionando formação e trazendo estagiários e alunos para nos auxiliar.” Eu não nunca havia assistido um ensaio ou apre-

Mais informações sobre o grupo em: <https://www.facebook.com/teatrodocanto/>

43 Foi professora na Sarapiqua em 1986, diretora do NEI Canto da Lagoa (1987-1998) e da Escola Desdobrada M. João Francisco Garcez (2002- 2008). Mestre em Educação (UFSC) Trabalhou nas Escola Públicas do Canto da Lagoa até 2013, quando aposentou-se. Coordena o Grupo de Teatro do Canto da Lagoa desde 1994. Conheceu Marcia em 1986, quando trabalhava como professora de Educação Infantil na Escola Sarapiquá (Associação de Pais e Professores Sol Nascente). Marcia e Marilde se tornaram grandes amigas. Deixo aqui suas palavras: “às vezes era minha irmã, outras vezes era minha mãe, sempre com o olhar atento e firme me ensinou “como fazer”. Através do seu exemplo, aprendi muitas coisas que posteriormente apliquei quando assumi a direção da Escola Pública do Canto da Lagoa. Marcia sempre falou do seu amor pelo trabalho. Ela adorava o que fazia e foi uma pessoa, que enquanto esteve nesse mundo atuou com todas as suas forças para transformá-lo num mundo melhor e tornou muitas pessoas melhores por onde ela passou.” (em depoimento pessoal/junho, 2020).

sentação do grupo, e me sentia curiosa sobre como aquela família se transportava para a cena.

Vou seguindo mais um pouco o riscado no tecido, uso o “ponto pétala” que é bem bonito, puxo a agulha com cuidado, olho para a imagem do bordado na capa do livro de Marcia, delicadas folhinhas em vários tons de verde preenchem a copa das árvores. Eu não havia assistido o grupo do Canto em cena até março de 2019. Tim Prentki e eu havíamos sido convidados por Marcia para ministrar, junto com ela, uma disciplina na pós-graduação: “A arte em um mundo louco” foi o título que escolhemos.

O processo, escreveu o Tim: “Foi uma alegria total. Todas as brilhantes habilidades pedagógicas de Marcia estavam intactas: cordialidade, humor, mudanças fáceis de teoria para prática, sabedoria para entender o que precisava ser feito a seguir” (PRENTKI, 2019, p.6). Nos primeiros momentos do curso, Marcia, que havia nos alertado que ficaria “mais quietinha”, aqueceu o grupo com a cantiga que não podia deixar de aparecer aqui, era a sua preferida, ao que parece: “O Sol vem nascendo ali/ e eu vi uma velhinha assim/ com uma trouxa desse tamanho/ e a água pequenininha/Lava, lava, lavadeira/quanto mais lava mais cheira/...”

A “criança profissional”, como ela costumava se definir, estava lá! Mas esse foi apenas um dos muitos momentos emocionantes que vivemos naquela semana com um grupo muito especial de mestrandos e doutorandos. O curso contou com a participação do pessoal do *Canto da Lagoa*. No último dia, o grupo apresentou um trecho do espetáculo *E se eu fosse um camarão*, uma paródia musical que, de forma muito divertida, faz uma crítica sobre a exploração da Lagoa da Conceição e a ocupação desordenada do espaço público. Mais uma vez se confirmava a crença de Marcia em uma universidade que se abre para o mundo, que caminha na direção do “sonho possível, porém nada fácil da invenção democrática de nossa sociedade.” (FREIRE, 2001a).

A noite de encerramento foi uma celebração. Tenho certeza de que aqueles que fizeram parte do curso guardam na

lembrança os momentos de intensa discussão, criação e afetividade. Entre nós, Marcia, Tim e eu, amizade profunda, nós sabíamos o significado daqueles dias para a nossa história. A despedida foi no aeroporto. Marcelo e Marcia nos levaram até lá. Trocamos abraços fortes sem saber se algum dia estaríamos juntos novamente.

Depois disso falei com Marcia ainda algumas vezes, seus projetos não pararam. Na ocasião de seu aniversário, em 23 de abril, houve uma festa e no dia seguinte ela me enviou um vídeo no qual dançava sorridente. Acho que entendi o recado: é assim que quero ser lembrada. Eu ainda tive tempo de convidá-la para a qualificação de uma primeira orientanda de mestrado que escrevia sobre teatro em comunidades. Também naquele período, ela organizava com Prentki o livro *The companion to applied performance* (Routledge, no prelo) e o *Dossiê Temático – Pedagogia do Teatro: vozes da América Latina em processos de resistência, organização e criação* (Urdimento, v.3, n.36, 2019). Marcia não teve tempo de ver os resultados finais desses trabalhos⁴⁴.

Minhas agulhas caminham mais devagar neste bordado que vai deixando as bainhas abertas. Como alinhar uma costura que ganha novos caminhos nas mãos de outras e outros? O entrelaçado sensível da convivência com Marcia me ajudou a compreender “que ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 2003, p.142). Nunca aprendi a bordar de verdade, mas esse trançado de vida e arte, que ela teceu com seus estudantes, tento compartilhar com os meus, futuros bordadeiros e bordadeiras.

Assim, sinto que embora a saudade seja grande, não há fim possível para a existência de alguém como Marcia. A história continua sendo tecida.

44 Marcia faleceu em 30 de agosto de 2019.



Imagem 1: Belém, Brasil (2010) IDEA Congress.

Fonte: Arquivo pessoal

REFERÊNCIAS

BORBA, Juliano. **Teatro de Vizinhos**: comunidade, convívio e celebração. 2018, Tese de doutorado (PPGT/UDESC), orientação Flavio Desgranges.

CUNHA, Adriana Miranda. **Meninas mulheres de Hillbrow**: teatro comunitário e Pedagogia Ubuntu. 2020, Tese de doutorado, orientação Luciana Lyra.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 27 ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001a. 8 ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, 9a.ed., 2001.

GONÇALVES, Nado. Prefácio. In: **Ventoforte no teatro em comunidades**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2015 (p.7-11).

GUERRA, Rodrigo Benza. **O Professor Dialógico**: um aprendizado a partir do teatro intercultural na Amazônia peruana. 2013. Dissertação de Mestrado (PPGT/UDESC), orientação Marcia Pompeo Nogueira.

KOUDELA, Ingrid e JUNIOR, José Simões (org.). **Léxico da Pedagogia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LIMA, Lia Alarcon. **O Teatro em Comunidade no Contexto das ONGs**. 2012. Dissertação de Mestrado (PPGT/UDESC), orientação Marcia Pompeo Nogueira.

NOGUEIRA, M. P. Formação de agentes culturais da juventude camponesa In: **Práticas Artísticas: Participação e Comunidade**. AGUIAR, R.; BEZELGA, I.; CRUZ, H (org.) 1 ed. Évora: CHAIA/UE Centro de História de Arte e Investigação Artística - Universidade de Évora, 2017, v.1. Disponível em: https://www.mexe.org.pt/media/filer_public/a9/3f/a93f445b-7b78-4645-a89e-e21180608780/ebook_2017.pdf

NOGUEIRA, M. P.; DE MEDEIROS PEREIRA, D. Curriculum: the contradictions in theatre education in Brazil. **Research in Drama Education**, v. 21, p. 126-133, 2016;

NOGUEIRA, Marcia Pompeo e FRANZONI, T. M. (Org.). **Arte no Campo: perspectivas políticas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2016. v. 1. 366p.

NOGUEIRA, M.P. Exploring theatre as a codification in agrarian reform settlements. **RIDE-The Journal of Applied Theatre and Performance**, v. 20, p. 349-352, 2015;

NOGUEIRA, M. P. Teatro e comunidades: experiências brasileiras. In: **Práticas artísticas comunitárias**. BEZELGA, I.; CRUZ, H RODRIGUES, P. S. (org.).1 ed. Évora: CHAIA/UE Centro de História de Arte e Investigação Artística - Universidade de Évora, 2015, v.1. Disponível em: https://www.mexe.org.pt/media/filer_public/e8/15/e8159035-d6fc-49a6-8da3-187b29f34521/eirpac_2015.pdf

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Ventoforte no teatro em comunidades**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2015.

NOGUEIRA, M. P.; Dimi Carmolinga. Isolation in Community Theatre. In: Tim Prentki. (Org.). **Applied Theatre: Development**. 1aed. Londres: BLOOMSBURY, 2015, v. 1, p. 135-149;

NOGUEIRA, M. P.; GONÇALVES, R. M.; PRENTKI, T. Between

popular traditions and forum theatre: Playing on the borders of Theatre of the Oppressed. **Applied Theatre Research**, v. 2, p. 183-195, 2014;

NOGUEIRA, M. P. (org.). **Teatro na comunidade** - conexões através do Atlântico. Florianópolis: UDESC, 2013.

NOGUEIRA, M. P. O método dialógico do teatro para o desenvolvimento e a recuperação de drogados. In: **Revista Urdimento**, v.2, número 17 (2011). Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011111>

NOGUEIRA, M. P. (org.). **Teatro na Comunidade: Interações, Dilemas e Possibilidades**. Florianópolis: UDESC, 2009.

NOGUEIRA, M. P. Teatro e comunidade. In: **Cartografias do ensino do teatro**. FLORENTINO, A, TELLES, N (orgs.), Uberlândia: EDUFU, 2009.

NOGUEIRA, M. P. **Teatro com meninos e meninas de rua: nos caminhos do grupo Ventoforte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

NOGUEIRA, M. P; COUTINHO, Marina H. The Use of Dialogical Approaches for Community Theatre by the Group Nós do Morro. In: PRENTKI, Tim; PRESTON, Sheila. (Org.). **The Applied Theatre Reader**. 1a ed. Londres e Nova York: Routledge, 2008, v. 1, p. 170-177.

NOGUEIRA, M. P. Thought only by Reality, can Reality be Changed? In: Balfour, Michael; Somers, John. (Org.). **Drama as Social Intervention**. 1a ed. Concord: Captus Press, 2006, v. 01, p. 95-106.

NOGUEIRA, M. P. Reflections on the Impact of a Long Term Theatre for Community Development Project in Southern Brazil. **Research in Drama Education**, v. 11, p. 219-234, 2006;

NOGUEIRA, M. P. Buscando uma interação teatral poética e dialógica com comunidades. **Revista Urdimento** 4/2002. p. 70 - 89. p.70. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101042002070>

NOGUEIRA, M. P. Theatre for Development: an overview. **Research in Drama Education**, Oxford, Inglaterra, v. 7, n.1, p. 103-106, 2002.

NOGUEIRA, M. P. **Towards a Poetically Correct Theatre for Development:** a dialogical Approach. Exeter: Exeter University, 2002. Orientação: John Somers.

NOGUEIRA, M. P; GONÇALVES, R. M; SCHIEBE, C. Community **Theatre in Florianópolis**. **Research in Drama Education**, Oxford, Inglaterra, v. 1, n.1, p. 121-128, 1996.

PETRY, Cristóvão. **O Teatro em Comunidades Periféricas:** um estudo de caso no bairro Itinga (Joinville/SC). 2016. Dissertação de Mestrado (PPGT/UDESC), orientação Marcia Pompeo Nogueira.

PRENTKI, Tim. Lembrando Marcia. In: **Revista Urdimento:** Dossiê temático – Pedagogia do Teatro: vozes da América Latina em processos de resistência, organização e criação. v.3, número 36 (2019) online. <http://200.19.105.203/index.php/urdimento/issue/view/640/showToc>

PRENTKI, Tim. Remembering Marcia. In: **Applied Theatre Research** (v. 7, n. 2, 2019).

REINISCH, Katia. **Interação Teatral comunitária numa perspectiva dialógica**. 2016. Dissertação de Mestrado (PPGT/UDESC), orientação Marcia Pompeo Nogueira.

SILVA, Elaine Cristina. **Teatro no/do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:** juventude e resistência. 2018, Dissertação de Mestrado (PPGT/UDESC), orientação Tereza Franzoni.